

NO TRILHO DO PRIMEIRO EMPREGO

Final do ano, o estudo a apertar, os trabalhos práticos para finalizar, os exames, e logo a seguir as férias, paraíso prometido, pedaço do céu alcançado. Depois, lá para Setembro, o início das aulas para alguns, exames de época especial para outros e a continuação do paraíso para uns tantos afortunados que terminaram o curso. Será? Bem, a resposta a esta pergunta dependerá da pessoa a quem for feita, mas a todos surgirá uma interrogação: e agora que terminei o curso, o que devo fazer?

Considerando a variedade dos cursos ministrados na FCUL, não existe uma resposta única. Este artigo procura dar alguma informação relevante para os recém-licenciados, devendo cada um fazer uma avaliação crítica da sua própria realidade pessoal.

A transição para o mercado de trabalho é um importante período de mudança no ciclo de vida de qualquer jovem adulto. Nesta etapa, existe o confronto com uma nova realidade, muitas vezes pouco conhecida e geradora de receios. Mas, se este pode ser um período difícil, não é de modo algum intransponível. Passando a aspectos mais concretos, aqui vão algumas informações e sugestões importantes para quem está a pensar em procurar emprego:

- Todos os estudantes devem investir em actividades que aumentem o seu grau de competência. Todos os finalistas de um determinado curso têm a respectiva licenciatura em comum. Um dos modos de o mercado de trabalho diferenciar os recém-licenciados são as competências adicionais ou actividades extracurriculares que possam ser vistas como uma mais valia. Alguns exemplos: Cursos de língua estrangeira, experiência laboral anterior, ter pertencido a uma associação de estudantes, ter estudado no estrangeiro ao abrigo do Programa Socrates, ter um curso de informática num programa utilizado na área, etc.
- A média do curso não é tão relevante quanto supõe. Se alguém desejar seguir uma carreira de investigação, é natural que uma boa média seja importante, mas no mercado de trabalho as competências pessoais são mais valorizadas que a média.
- É útil que as pessoas elaborem o currículo e o comecem a enviar antes do curso estar finalizado. O espaço de tempo entre o aluno ser ainda finalista e ter já terminado o curso há pouco tempo, pode ser encarado como um período de treino na procura de emprego, em que o objectivo primordial não é arranjar trabalho, mas sim ganhar experiência e à vontade nos processos de selecção, nomeadamente nas entrevistas.
- Se exceptuarmos o período em que se está simplesmente a ganhar “experiência” em processos de selecção, não se deve concorrer a todos os empregos. Deve-se ser ambicioso e arriscar, mas concorrer a empregos em que notoriamente não têm hipótese de serem recrutados não é uma boa ideia. A partir de um certo ponto, aquilo que pode parecer uma atitude positiva de “ir à luta”, pode transformar-se numa fonte sistemática de frustração.
- Por vezes, os recém-licenciados ficam desiludidos quando constatarem que o seu ideal de emprego não é facilmente oferecido pelo mercado de trabalho. Considerando que a realização profissional

é uma importante fonte de satisfação pessoal, não devem abdicar rapidamente das vossas aspirações. Mesmo que não arranjem o trabalho que desejam, devem procurar algo com afinidade com a área alvo, pois a experiência profissional adquirida pode ser um trampolim para o que realmente procuram. Empregos em áreas demasiado distantes da actividade pretendida tendem a ir afastando a pessoa do seu objectivo.

- A procura de emprego não deve apenas ser efectuada segundo os processos formais (anúncio no jornal, UNIVA ou centro de emprego). Deve existir uma postura activa, quer avaliando e identificando no mercado de trabalho potenciais empresas ou organismos empregadores, quer apostando no alargamento da rede de contactos, pois esta é sempre uma das saídas possíveis (ex.: antigos docentes, colegas de curso, familiares, amigos).
- Procurem alcançar actividades que vos dêem experiência laboral (estágios, bolsas de investigação, colaboração em projectos de investigação ou outros, etc), pois essa é um dos pontos centrais. O mais difícil tende a ser o primeiro emprego, pois a experiência e os contactos profissionais que daí advêm abrem portas futuras.
- Actualmente, existem algumas alternativas para a transição entre a faculdade e o mercado de trabalho, sendo as seguintes algumas hipóteses a considerar: estágios profissionais financiados pelo IEFP, Bolsas de Iniciação à Investigação, estágios complementares e pós-graduações em Portugal e no estrangeiro.

Se não encontrarem logo emprego não desesperem. É obviamente uma situação frustrante, mas o tempo médio para arranjar emprego situa-se entre os 6 e os 9 meses (nota: dever-se-á ter em atenção a especificidade do curso).

Os dois maiores obstáculos que os recém-licenciados enfrentam são: 1- um mercado de trabalho nem sempre tão aberto quanto o desejado para a área de interesses desejada; 2- Os próprios medos e inseguranças, muitas vezes geradoras de ansiedade e inactividade. A verdade é que o mercado de trabalho vai-se abrindo e não é um muro intransponível. Quanto aos medos e inseguranças, devem ser trabalhados internamente, pois eles muitas vezes surgem porque nos aliamos a uma parte de nós demasiado crítica e exigente, esquecendo-nos de olhar com igual ênfase para o nosso potencial e capacidade de nos mobilizarmos para objectivos que para nós são importantes.

Espero que algumas das ideias e sugestões aqui expressas possam ser utilizadas por vocês. Boa sorte!

Cláudio Pina Fernandes, Psicólogo do GAPsi

